

ESTUDO BÍBLICO NA 23ª SEMANA COMUM ANO C 2022

Comunidade Paz e Bem

SEGUNDA-FEIRA

Lucas 6,6-11

O PRIORITÁRIO É FAZER O BEM E SALVAR A VIDA DO IRMÃO:

"No sábado é lícito fazer o bem em vez de fazer o mal, salvar uma vida em vez de destruí-la?"

Os primeiros discípulos compreenderam que seu chamado ao seguimento tem, em sua base, uma experiência da misericórdia do Senhor. A obra de Jesus em suas vidas trouxe tempos novos e vida nova que, quem os vê de fora, começa a perceber, através de seus comportamentos tão diferentes com relação às pessoas ao redor (ver as críticas que fazem a eles em 5,30.33 e 6,2).

Isto, não só viram os discípulos em si mesmos, mas, também, nas obras poderosas e de misericórdia que Jesus vinha operando com as pessoas marginadas e necessitadas de ajuda. Depois de ter visto de perto a misericórdia de Jesus com eles mesmos, na cena das espigas arrancadas em dia de sábado, a pequenina comunidade de Jesus passa a um segundo plano.

Encontramo-nos, agora, com um novo texto que destaca a incrível misericórdia de Jesus para com os enfermos. De novo Jesus faz uma obra proibida em dia de sábado e, mais ainda, na sinagoga, diante do povo reunido para celebrar o repouso sabático. Leiamos devagar o texto e observemos sete pontos-chaves deste ensinamento:

(1) As circunstâncias: Há uma de tempo e uma de lugar: (a) de tempo: de novo nos encontramos no sábado (6,1a). A mensagem está, assim, em estreita relação com o "tempo" da graça de Jesus, profeta libertador ungido pelo Espírito; e (b) de lugar: Jesus entra numa sinagoga. Sua intenção de "ensinar" é clara (6,1b;4,15.31.44). Mas não lê a Bíblia nem faz discurso: o 'ensino' é a cura de um homem de mão seca. Jesus não ensina só com palavras, mas com atos concretos (4,31-32.36).

(2) A iniciativa provém de Jesus: O homem com a deficiência física não lhe pediu nenhum favor, simplesmente diz: **"Havia ali um homem que tinha a mão direita seca"** (6,6b).

(3) A enfermidade do homem não é emergência: Não estamos ante um caso de vida ou morte. Deste modo, o fato de Jesus se interessar por curar a mão deste homem, mostra que, para Jesus, todas as situações nas quais as pessoas se vêem limitadas são importantes. É mais um daqueles casos que, habitualmente, passam despercebidos ante as pessoas (impressiona à primeira vista, mas logo acostumamos ver a pessoa assim). Deviam ser muitas as pessoas presentes naquele dia na sinagoga, mas Jesus se interessou, em particular, nesta.

(4) Jesus conhece os pensamentos e intenções de seus adversários: Estes acham que Jesus tem comportamento herético e fazem uma investigação que o Evangelho chama de espionagem: **"Estavam espreitando, os escribas e fariseus, se curava no sábado, para encontrar motivo de acusá-lo"** (6,7). Em seguida se diz que Jesus perscruta os seus pensamentos (6,8a).

(5) Jesus atua abertamente: Neste drama se acentua um contraste: de um lado seus adversários fazem tudo ocultamente: **"espreitavam"** (6,7a); entretanto, Jesus **"conhecia seus pensamentos"** (6,7), perscruta os pensamentos dos que o consideram herético. Do outro, Jesus tudo faz abertamente: Faz que o homem se ponha de pé (6,8b); O convida a colocar-se no meio de todos (6,8b); e Pede que estenda suas mãos (6,10b).

(6) Jesus desafia seus adversários: O ponto central do ensinamento de Jesus se encontra na pergunta que os escribas e fariseus devem responder (6,9). Notemos a ênfase: (a) O espírito da Lei do sábado (o legal) é **"fazer o bem"**, o qual para Jesus é uma forma concreta de **"salvar uma vida"**; (b) Deixar de fazer o bem – a omissão – é uma má ação, não pode haver um verdadeiro culto a Deus quando falta o interesse pelo próximo; e (c) Jesus não dá aos seus adversários a chance de responder, porque a resposta é óbvia; logo confirma sua verdade curando a mão do homem diante de todos.

(7) A tensão aumenta: Diante da evidência, os adversários se confundem. Com raiva cega começam a deliberar, entre si, de que maneira vão se desfazer do incômodo profeta Jesus (ver 6,11). Agora sabemos que Jesus tem inimigos. Estes, da crítica passam à deliberação do assassinato do profeta.

Assim nesta passagem se introduz o tema da recusa de Jesus (a decisão de matá-lo só aparecerá em 19,47); já em uma passagem anterior, pela boca de Jesus fomos informados que **"o noivo será arrebatado"** (5,35), como suspensão provisional da festa.

Portanto, a morte de Jesus será consequência de sua opção pela vida do homem, em consonância com o Plano de Deus. As exceções ao cumprimento estrito de algumas leis bíblicas já eram conhecidas pela tradição rabínica. Como exemplo, recordemos uma famosa passagem: **"Sempre que haja dúvida sobre se uma vida está em verdadeiro perigo, não se aplicará o preceito do sábado"** (Rm 8,6).

Porém, Jesus vai muito além. Sua liberdade profética é maior, ao considerar excepcional qualquer situação de sofrimento, por pequena que pareça. Os discípulos de Jesus aprendem esta liberdade interior que os impulsiona a fazer o bem e a salvar uma vida, cada vez que se apresente a ocasião. Eles farão o bem sem impor limites. Trabalharão, a todo custo, pela vida. É a prioridade do Evangelho!

Cultivemos a semente da Palavra no profundo do coração

- 1) Por que podemos dizer que Jesus atuou abertamente? Que nos ensina este atuar de Jesus?
- 2) Em que momento de minha vida, eu tenho tomado a iniciativa, sem que me peçam, de "salvar uma vida", quer dizer, de sair ao encontro das necessidades de alguém e dar uma ajuda efetiva?
- 3) Que podemos fazer de concreto em nossa família ou comunidade para dar vida no ambiente?

TERÇA-FEIRA

Lucas 6,12-19

ESCOLHA DOS DOZE

"Foi ao monte para orar e passou a noite na oração de Deus"

Na série de passagens compreendidas entre Lucas 5,1 e 6,11, temos visto como Jesus vem formando, progressivamente, uma comunidade em torno dEle. Temos visto, também, qual é a experiência de fundo que caracteriza esta *nova comunidade* e em que se baseia esta.

O evangelho de Lucas começa agora, em 6,12, com uma nova seção, onde vemos como, a partir de um grupo eleito de doze, o Mestre conduz um itinerário particular de formação que tem duas finalidades: a aprendizagem da **"palavra"** de Jesus e a aprendizagem da **"missão"** de Jesus. Esta seção concluirá no capítulo 9, quando, os doze, vão, em missão, e, ao regressar, recebem a lição sobre a Cruz. Esta se percebe a partir desta passagem, quando os discípulos começam a ser chamados também **"apóstolos"** (6,13).

Notemos como em toda esta seção do evangelho os discípulos aparecem em segundo plano na missão de Jesus. São mencionados somente em momentos chave, porque o centro é Jesus, que, com suas palavras e obras de poder, revela o núcleo do evangelho.

Por enquanto, a tarefa dos discípulos é "ouvir" e "ver". O primeiro passo que Jesus dá é a diferenciação do grupo dos doze da multidão e do resto dos discípulos. Prestemos muita atenção a algumas particularidades do comportamento de Jesus nesta cena vocacional:

1. Jesus começa com uma vigília de oração: (6,12)

"Foi ao monte para orar e passou a noite na oração de Deus". Este passar a noite inteira em oração é significativo e devia atrair-nos para uma amorosa contemplação deste momento. Todo o ministério de Jesus, até seu último instante na Cruz, tem como constante a oração. Isto se vê nos momentos decisivos de seu ministério e a eleição dos doze é um deles. Sabemos que o tema da oração é importante no evangelho de Lucas e que Jesus é o modelo do orante (ver 3,21; 5,16; 9,18.28.29; 10,21;11,1;2 2,29-46; 23,34.46).

Na oração de Jesus neste texto fica claro que:

- (a) Deus Pai está na raiz de toda experiência vocacional: Ele está ali presente, com a mão na obra, guiando a história da salvação, na qual se insere todo chamado particular;
- (b) Jesus invoca a bênção de Deus sobre o ato que está a ponto de realizar.
- (c) A oração é um dos pontos mais importantes do discipulado; é o ponto de partida do itinerário dos doze, ao longo de sua vida, estes terão que voltar uma e outra vez a este primeiro momento.

2. Jesus distingue os 'doze' do amplo grupo de discípulos (6,13)

... "a quem chamou também apóstolos". Aos doze também os chamou **"Apóstolos"** (que significa "enviados"). Cristo escolheu os doze apóstolos para resgatar o sentido das doze tribos de Israel que Deus deveria reunir no fim dos tempos, conforme o que está dito nas Escrituras.

De fato, o número evoca a comunidade da primeira Aliança: as doze tribos de Israel. Estas, que, no momento do ministério de Jesus, já, praticamente, não existem como tais (só restavam duas tribos e meia); daí que o formar uma comunidade, precisamente com este número, é uma provocação profética de Jesus, uma forma concreta de chamar a todo o povo de Deus.

Desde o Antigo Testamento se vê como Deus tinha em seu projeto a formação de um povo que fosse modelo e convocasse a todos da terra ao serviço do único Deus. O chamado dos 'doze' nos coloca ante um aspecto fundamental do ministério de Jesus: a Aliança e a vocação fundamental do povo de Deus.

Estão se realizando as antigas profecias (ver Ez 39,23-39). Por outra parte, o título **"Apóstolo"** se refere explicitamente à futura missão que aguarda os escolhidos: eles continuarão a obra de Jesus no mundo. Segundo uma antiga disposição jurídica de Israel, "o enviado é como o que envia". Os doze, então, serão os representantes de Jesus.

3. Jesus escolhe seus apóstolos entre aqueles que já o haviam ouvido e visto em ação

Em passagem anterior, Lucas havia anotado que uma grande multidão **"afluía para ouvir e ser curados"** (5,15). Com esses mesmos termos se descreve a **"grande multidão de discípulos seus... que haviam vindo para ouvir-lhe e ser curados"** junto com a multidão (6,17-18).

Do meio deles foram tomados os doze. É belo o encontro de Jesus e os doze apóstolos com a imensa multidão que aguarda na planície. Quando os doze apóstolos descem com Jesus da montanha, o primeiro que encontram é o duro cenário de uma humanidade ferida e necessitada. Porém chama a atenção que toda esta multidão de pessoas vindas inclusive das regiões pagãs da costa marítima (Tiro e Sidônia; 6,17b), se sentem atraídas, fascinadas pelo Mestre de Nazaré, por Ele, que andava em sua missão **"pela força do Espírito"** (4,14).

Ao observar Jesus e vendo que **"dele saía uma força que curava a todos"** (6,19), os doze começam a compreender o sentido de sua vocação e para o quê o Mestre os quer capacitar. Por isso eles devem abrir-se aos dons do Mestre e, como se verá, deverão ser os primeiros ouvintes do discurso que segue.

Cultivemos a semente da Palavra no profundo do coração

- 1) Por que o fato de que Jesus escolha **"doze"** discípulos é uma provocação profética?
- 2) Ao tomar uma decisão importante, faço como Jesus dedicando tempo à oração ou me contento com minhas razões e com aquilo que algum amigo me possa sugerir? Por que Jesus orava antes de decidir algo?
- 3) Sinto que meu grupo, família, comunidade é eleito e com uma missão específica a cumprir? Qual é essa missão? Alguma vez temos dialogado juntos? Não seria o momento de fazer?

QUARTA-FEIRA

Lucas 6,20-26

"BEM -AVENTURANÇAS E MAL-AVENTURANÇAS

"*Bem - aventureados vós...*"

Começa agora o primeiro discurso formativo de Jesus (ver discurso completo em Lc 20-49, conhecido como o "sermão da planície"). Jesus vai descrever o perfil de um discípulo seu em quatro lições.

Primeira lição: o giro profundo que ocorre na vida de um discípulo. Os discípulos são diferentes, isso está claro. Porém, em que são diferentes? Que aconteceu neles desde que conheceram Jesus?

A proclamação das bem-aventuranças responde a estas perguntas. Retomemos o conjunto das bem-aventuranças e notemos:

- (1) A maneira como fala Jesus já é expressiva: pronuncia as bem-aventuranças olhando de frente para seus discípulos. É como se estivesse dizendo: "Vocês são isto e isto, tomem consciência disso!";
- (2) As bem-aventuranças mostram como é que se vive na esfera da vontade de Deus;
- (3) A obra de Deus, no discípulo, tem um ponto de partida: o reconhecimento de sua necessidade pessoal. Por isso são os "pobres", os "famintos", os que estão "de luto" os "rejeitados". Sua consciência da carência lhes abre o coração ao dom de Deus, enquanto que os auto-suficientes, os que crêem ter tudo (os ricos os fartos, os que riem, os famosos) perderão o que crêem ter;
- (4) Porém, o que importa é o ponto de chegada: o dom de Deus, o qual está caracterizado como: consolação, plenitude e festa;
- (5) Todos os dons se resumem em um só: o Reino de Deus, que é esse giro profundo na realidade do homem (como canta Maria no "Magnificat", que é a obra criadora de Deus que transforma o estado de perdição em estado de salvação);
- (6) A vida do discipulado aponta ao projeto de vida de cada um na direção da "alegria" enquanto que uma opção equivocada na vida leva à ruína total que aqui se expressa no grito de lamentação "ai";
- (7) A vida segundo as bem-aventuranças conduz à identidade de vida com Jesus: o discípulo será um profeta como Ele no mundo (Lc 24,19) e este é o sentido de seu apostolado. Porém compartilhar a glória junto com Jesus, na alegria perfeita, implicará também o mesmo caminho de sofrimento, de fracasso e de humilhação do Mestre. Não há glória sem cruz.

Poderíamos, hoje, retomar uma das bem-aventuranças e meditar seriamente nela. Poderia ser, por exemplo: "**Bem aventureados os que agora choram porque rirão...**" ("**Ai dos que riem agora porque tereis aflição e pranto**"; 6,21b.25b).

Proponho esta porque se trata de um tema que geralmente preferimos não abordar. Estar triste é uma situação que não deveria dar-se e da qual preferimos não falar ou ainda fingir que não existe. Porém muitos sofrem neste mundo, muitos mesmo.

Nosso texto fala, literalmente, de estar em "luto" que é essa profunda tristeza interior que destroça o coração ante a morte de uma pessoa querida e que se expressa habitualmente em lágrimas. Porém, são também todas essas situações que produzem pesar e amargura, por conter algo de incompreensível e de humanamente inaceitável.

São prantos que brotam de um dramático contraste interior entre a morte que nos rodeia e a visão interior do Reino que desejamos, com sua plenitude de vida e de paz. Trata-se de um contraste resultante entre o dom de Deus e as situações intolerantes de miséria e de morte que nascem da rejeição do amor de Deus.

Porém Jesus disse que um discípulo seu saberá fazer o caminho da consolação que o levará à paz e à festa como profetizou Jeremias: "**Mudarei sua dor em regozijo, e lhes consolarei e alegrarei de sua tristeza**" (31,13).

Portanto com seu olhar contemplativo, em comunhão com Jesus saberá descobrir a ressurreição que há atrás de toda cruz. A bem-aventurança é um caminho que abarca a visão do evangelho inteiro.

Cultivemos a semente da Palavra no profundo do coração

- 1) Considero-me uma pessoa bem-aventurada, isto é, feliz?
- 2) Que me aflige? Que me promete Jesus?
- 3) Qual o caminho para chegar à perfeita alegria?

QUINTA-FEIRA

Mateus 1,1-16.18-23 Natividade de Nossa Senhora

QUEM É ESTA QUE SE DEIXA VER NA AURORA DA SALVAÇÃO?

"Vede à Virgem..."

Hoje celebramos a festa do nascimento de Maria. E, como costumamos dizer, quando a mãe está de festa, os filhos também estão.

1. O nascimento de Maria

A Palavra não nos diz nada sobre este grande acontecimento que passou por alto nos tempos históricos de Maria, mas que marcaria para sempre este dia. Como dizemos na liturgia, na frase que sintetiza a rica espiritualidade deste dia: "*Nasce Maria, da qual nascerá o Filho de Deus, que nos trará a salvação*". A festa de hoje é antiga. Originou-se no oriente, no início como uma festa da dedicação da Igreja de Santa Ana em Jerusalém. Logo se tornou celebração na liturgia romana no séc.VII com o papa Sérgio I.

Mas são os Evangelhos apócrifos, em especial o "Proto Evangelho de São Tiago" que, desde o século III, tentaram dar todo um colorido ao acontecimento. Segundo o texto citado, quando a menina Maria nasce santa Ana a amamenta com amor e, feliz, eleva o olhar ao céu para cantar louvores a Deus. Assim lemos: "*E os meses de Ana se cumpriram, e, ao nono, deu a luz. E perguntou à parteira: Que tenho parido? A parteira respondeu: Uma menina. E Ana repôs: Minha alma exulta neste dia. E acostou à menina em sua cama. E, transcorridos os dias legais, Ana se lavou, deu o peito à menina, e a chamou Maria*" (Proto Evangelho de São Tiago 5,2).

Este livro nos diz que santa Ana escolheu para sua filha um nome bíblico, o da irmã de Moisés: "Maria" (ou "Miriam"). Quando olhamos o Novo Testamento, vemos que este nome foi dado também a outras seis mulheres na primitiva comunidade cristã. "Maria", provavelmente, significa "excelsa, elevada, augusta"; trata-se de um nome nobre, mas ao mesmo tempo comum próprio de uma mulher simples.

Por certo, tentando buscar, sem muito êxito, uma etimologia para este nome, São Jerônimo fez um jogo de palavras em hebraico que o levou a formar a expressão poética "Stella Maris", que significa "gota daquele mar", daquele mar infinito que é Deus. Definição belíssima que, por erro de um copista, se torna o célebre título latino "Stella Maris" (Estrela do mar) que se canta no hino "Ave Maris Stella".

2. Maria na aurora da salvação

Como poderíamos celebrar o nascimento de Maria? O melhor que podemos fazer é aproximar-nos, uma vez mais, com respeito e amor, do mistério de Maria. E para isso o aconselhável é fazer a "lectio divina" das passagens bíblicas relacionados com ela.

O texto que nos propõe a liturgia de hoje (a concepção virginal de Maria), está precedido no Evangelho de Mateus, pela lista longa da genealogia, a lista dos antepassados de Jesus, que fixa suas raízes na história do povo hebreu, remontando-se até Abraão e David e floresce precisamente com "**José, o esposo de Maria, da qual nasceu Jesus...**" (1,17).

Na sequência dos nomes célebres e modestos vai se delineando um 'fio de ouro' que rompe os séculos e chega até Maria. É a grande espera do encontro perfeito entre Deus e o homem, conforme promessa feita a Abraão e que toma impulso na dinastia de Davi, passa através dos séculos dolorosos e gloriosos da história de Israel e culmina com o nascimento da mãe do Senhor no umbral da vinda do salvador. É assim que, ao chegar à plenitude dos tempos, em cujo vértice Jesus leva a cumprimento a história de Deus com seu povo, o lugar de Maria na história da salvação fica definitivamente num lugar destacado.

A partir da leitura podemos ver como emerge, na contraluz do mistério da salvação, o rosto de Maria:

- Deus, em seu amoroso desígnio, quis destiná-la (ver Rm 8,29-30; primeira leitura de hoje) para ser a virgem mãe do Messias através do qual Ele realiza a libertação de Israel e de toda a humanidade da escravidão do pecado, atraindo-os para a comunhão com Ele de maneira definitiva (Mt 1,21);
- Jesus, enviado a reconciliar todos os homens completamente com Deus, provém completamente de Deus. Sobre o alicerce de uma longa série de gerações humanas e em ruptura com elas, o evangelista Mateus sublinha que Jesus não foi gerado por um pai humano. Ele começou sua vida em Maria por obra do Espírito Santo: "**O gerado nela é do Espírito Santo**" (1,20);
- Mateus não nos disse como Maria supõe que lhe pedia este serviço – o sabemos pelo evangelista Lucas-, porém através da revelação a José, vemos como Deus a elegeu, chamou-a e por meio de sua ação criadora a fez chegar a ser a mãe do Filho Santo de Deus. Sua missão dentro da história da salvação é ser para Israel e para a humanidade a mãe do Salvador, do "**Emanuel**" (1,23);
- Em consequência, ao deixar operar nela a potência criadora de Deus que gera o Messias, Maria é a primeira a quem a obra salvífica de Deus abraça nos novos tempos messiânicos: Deus a abraça com todo seu ser. É assim como sua vida se descobre preciosa ante os olhos de Deus e do mundo.

A nós corresponde agora refletir em oração sobre estes fatos e suas repercussões em Maria. A quem hoje nós celebramos como a filha amada do Pai, se converterá também pela graça de Deus na Mãe do Filho amado, Jesus, por obra do Espírito Santo de Deus.

3. As lisonjas para a recém-nascida

Quando uma criança nasce, os familiares se acercam a ela e exaltam sua beleza. Também, nós, hoje, nos admiramos da pequena Maria, em quem brilha uma beleza sem par. Evoquemos as palavras do Papa Paulo VI em 1977, em sua última celebração da natividade de Maria, contemplava a beleza de Maria: "*A festa do nascimento*

de Maria é para nós como uma fonte de luz humano-divina sobre o caminho de nosso peregrinar no tempo, no cenário humano, como uma lâmpada na escuridão. Maria, como escrevia São Ambrósio, é o tipo de uma humanidade perfeita, recriada segundo o pensamento original de Deus, bela por uma beleza restituída. Ela resplandece no candor imaculado, digno da contemplação das almas inocentes ou desejosas de uma primogênita perfeição, admiração sem fim dos artistas, vitoriosa sobre qualquer pessimismo, consoladora dos que vivem na miséria, dos aflitos, dos sofredores. Além do mais, Maria nasce, permanece e resplandece imaculada, sem pecado original, fonte de beleza perpétua, da qual a humanidade havia perdido inclusive o conceito sem este excepcional e original privilégio da potência criadora de Deus”.

Deixando-nos inspirar pela santa Palavra, coloquemo-nos no lugar de Maria para celebrar sua vida: **“Cantarei ao Senhor pelo bem que me tem feito”** (Is 61,10). Em Maria **“o Senhor pôs a fonte da vida”** (Sl 36,10). Por isso a olhamos e dizemos: **“Feliz és, ó santa Virgem Maria, digna de todo louvor: de ti saiu o Sol de Justiça, Cristo nosso Deus”** (liturgia do dia). Deveríamos dar presentes a nossa Mãe, mas hoje é dela que esperamos presente. A mesma que nos presenteou o Filho de Deus nos presenteia também a bênção da paz.

Cultivemos a semente da Palavra no profundo do coração

- 1) Onde e como teve origem a festa que celebramos hoje?
- 2) Existem vários textos bíblicos relacionados a Maria. Não seria uma boa celebração desta festa, ler uma delas e deixar que seja Maria quem nos indique as atitudes que devemos mudar em nossa vida? Como faremos?

SEXTA-FEIRA

Lucas 6,39-42

CARÁTER MORAL DO DISCÍPULO: VIDA EXEMPLAR

“Todo que estiver bem formado será como seu Mestre”

Jesus forma seus discípulos conduzindo-os através de um processo de maturidade interior que implica um manejo adequado, desde a misericórdia do Pai, de seus impulsos negativos. Vai ficando claro que o discipulado é comunitário (nota-se a repetição da palavra **“irmão”** em 6,41-42). Como tal, é sinal do novo povo de Deus, germe da humanidade nova que Jesus veio criar com sua boa nova da salvação.

Na Santa Missa oramos assim: *“Ele veio para arrancar do coração do homem o mal que impede a amizade, o ódio que não nos deixa ser felizes”*. Uma vez que o discípulo aprende esta lição, passa à seguinte, a qual é mais difícil: a liderança positiva dentro da comunidade.

1. Antes de tudo Jesus como modelo para o discípulo: temos que imitá-lo

No ensino em 6,39-42, se pode vislumbrar para onde vai apontando a formação do discípulo. Jesus disse: **“Todo o que estiver bem formado será como seu mestre”** (6,40b). Isso quer dizer que: (a) Adotará suas mesmas atitudes e comportamentos (como se descreveu no evangelho de ontem); e (b) Será formador de outros discípulos (**“guiará a outro”** 6,39).

2. A prudência para não emitir julgamento

A aprendizagem destas duas tarefas é gradual e em muitos casos muito lenta. Por isso deve deixar-se ajudar por Jesus para poder ajudar a outros.

Quando Jesus utiliza a imagem do **“cego”** pretende indicar um estado de aprendizagem; está querendo dizer que, até que tenha sido iluminado a fundo pelos critérios de vida do Mestre, será como um cego que necessita do apoio de outros. Por esta razão, quem começa a caminhar no seguimento de Jesus deve evitar a precipitação na hora de qualificar a conduta dos demais. Isto tende a acontecer, sobretudo no recém convertido que, desde a radicalidade de sua opção, nota com maior facilidade as deficiências dos outros e então começa a dar opiniões sobre tudo e sobre todos, chegando a ferir, em ocasiões, a caridade.

Porque o discípulo, apesar de seu caminho com Jesus, deve considerar-se, todavia a si mesmo como um cego, não deve emitir julgamentos sobre os demais (ver os imperativos do texto de ontem), a ele mesmo, ainda falta muito trecho no caminho da conversão. Se não, acontecerá como no exemplo que coloca Jesus: **“cairão os dois no buraco”** (6,39b). O discipulado exige o respeito desta ética.

3. A responsabilidade na animação do caminho de crescimento dos irmãos na fé

A primeira tarefa do discípulo é seguir trabalhando a si mesmo: discernir e tirar a **“viga do próprio olho”** (6,41-42). A segunda tarefa **“guiar”** a outros, é mais exigente. Se já é difícil trabalhar a si mesmo, quanto mais fazer com os demais. Este é um novo aspecto do ministério do amor que não pode ser descuidado. Insistimos neste pois a leitura das palavras de Jesus neste evangelho poderia levar erroneamente a pensar que, porque há fragmentos no olho, então nunca teremos autoridade moral para fazer a correção fraterna e o melhor seja calar e ignorar as faltas dos demais. Não, o escrúpulo não pode bloquear a correção fraterna.

De fato, a imagem do guia cego tem também um sentido positivo, é parte do ministério do amor: todo discípulo de Jesus tem a responsabilidade de dar a mão a seus irmãos **“cegos”**, que não conhecem a luz do evangelho e apoiá-los em um caminho de conversão. De todas as formas deve **“tirar o fragmento que há no olho de teu irmão”** (6,42b), isso sim, partindo sempre do trabalho consigo mesmo.

4. Cinco conselhos para uma boa liderança na comunidade segundo o espírito do evangelho

Relendo a passagem de hoje vemos como surgem, ao menos, cinco critérios que devem ter quem exerce a liderança em uma comunidade: (1) Recorde sempre que a referência é Jesus: **“Não está o discípulo acima do mestre”**

(6,40a); (2) Não forme grupos e pessoas em torno a seu carisma pessoal. Conduza todos para Jesus. Ocupe-se você de ser **"como o Mestre"** (6,40b); (3) Antes de empreender um projeto, assegure-se de ter a visão do evangelho, não só a própria, porque **"Poderá um cego guiar outro cego?"** (6,39^a); (4) Procure formar-se bem e estar adiantado no que propõe viver os demais, se não **"cairão os dois no mesmo buraco"** (6,39b); (5) Avalie-se constantemente, reconheça e peça perdão por seus pecados, "tire a viga" e então verá com misericórdia as faltas de seus irmãos; porém tampouco permita que o escrúpulo bloqueie a correção fraterna (6,41-42). Você não pode escusar-se desta responsabilidade; por isso, procure manter-se constantemente reconciliado com o Senhor.

A iluminação interior que vai tirando o discípulo da cegueira por meio das palavras do evangelho e pelo mistério pascal de Jesus, permitirá ao discípulo converter-se em bom apóstolo. Um coração que se deixa purificar pelo Senhor, vence a tentação da "hipocrisia", que adverte Jesus (6,42), e, pelo contrário, recobra as forças que necessita para assumir, abertamente e com zelo apostólico, os desafios da missão.

Cultivemos a semente da Palavra no profundo do coração

- 1) Qual dos cinco conselhos de Jesus para uma liderança na comunidade é o que melhor vivo? A qual delas devo prestar mais atenção?
- 2) "O discipulado é comunitário" Em quais momentos dentro de meu grupo/comunidade, atuo de forma individualista, sem ter em conta os demais? Que me aconselha Jesus?
- 3) Com facilidade dou "conselhos" e "corrijo" os demais sem pensar que sou eu quem mais necessito?
- 4) Quando vou corrigir uma pessoa, faço pelo desgosto que sinto ou faço buscando o bem dela?

SÁBADO

Lucas 6,43-49

TRÊS CRITÉRIOS EDUCATIVOS PARA UM VERDADEIRO DISCIPULADO

"Não há árvore boa que dê fruto mau nem árvore má que dê fruto bom"

Terminamos hoje a leitura do "Sermão da planície" (Lc 6,20-49), o primeiro grande discurso formativo de Jesus a seus discípulos, no Evangelho de Lucas.

As últimas palavras de Jesus em seu ensino, frente àquele monte onde passou a noite em oração e escolheu os doze, são para dar-nos os critérios conclusivos deste seu primeiro curso de discipulado. Isto é importante, pois, na medida que se caminha com Jesus, é preciso estar atento à autenticidade do processo que vai se realizando. Isto do "ser autêntico" é importante.

Como se pode notar, em uma primeira aproximação ao texto, Jesus insiste com seus discípulos que só as palavras não bastam. São três as imagens: (a) *A da árvore* que se conhece por seus frutos; (b) *A do tesouro* de cujo interior se extraem as pérolas; e, (c) *A do edifício* bem cimentado. As três imagens convidam-nos ao compromisso, à coerência entre as palavras e a ação, e a esforçar-nos por uma vida cristã sólida. Lendo lentamente a passagem, vemos como Jesus chama a nossa atenção sobre três pontos que devem estar presentes em toda revisão de vida:

1. A sinceridade. Se não há sinceridade não há formação nos assuntos do Senhor. Este Evangelho entende por sinceridade o fazer com que as palavras correspondam ao que está no coração. Isto se entende melhor com uma comparação: o bom coração dá bons frutos, o coração mau, dá maus frutos (6,43). Logo se complementa com a frase: **"o homem bom do tesouro do coração tira o bom..."** (6,45a). Visto que o discípulo foi chamado, também, para ser "profeta" e que o profeta é um homem da Palavra (6,45b), a ele se aplica a regra do discernimento que desmascara os falsos profetas: Examinem seus frutos! A melhor prova são os atos, isso é o melhor indicador do que habita no coração de cada um.

2. A obediência. Quando alguém fala, como um discípulo do Senhor, mas, sem ser, verdadeiramente, de coração, cabe esta pergunta de Jesus: **"Por que me chamam: Senhor, e não fazem o que digo"** (6,46). A obediência ao Mestre é equivalente à obediência à vontade de Deus (ver Mt 7,21). Obedecer é **"fazer"** o que diz a Palavra, encarná-la, integrá-la nos próprios hábitos da vida. O discípulo não pode perder de vista que isto é o essencial: assumir o ensinamento e viver guiado por ela.

3. A firmeza. Desde o início do Evangelho, Lucas deixa claro que seu propósito é **"que conheças a solidez dos ensinamentos que tens recebido"** (1,14), como diz a Teófilo. A "sólidez" é a consistência de vida que se expressa na perseverança e na fortaleza interior ante as provas. Com a parábola da casa sobre a rocha, Jesus ensina que é preciso ir fundo para construir alto. Só em Lucas vemos a frase: **"cavou profundamente"** (6,48). Com isso assinala que a Palavra tem que ir fundo na nossa realidade pessoal. Construir sobre a rocha é construir a vida sobre as ações que se derivam do ensinamento de Jesus. Esta é a chave da solidez de vida, ou seja, do discípulo bem formado que não se deixa arrastar pela violência da corrente quando chega a hora da crise.

A leitura contínua do Evangelho de Lucas, ao longo desta semana, nos permitiu ter uma visão clara da unidade da Palavra, neste Evangelho, e, dentro dela, captar a dinâmica de formação de Jesus. Pouco a pouco vamos aprendendo a pedagogia de Jesus, que deve ser modelo para nossos processos de formação, hoje, na família e na comunidade que fazemos parte.

Cultivemos a semente da Palavra no profundo do coração

- 1) Que imagens usa Jesus no Evangelho de hoje para chamar-nos à coerência de vida? A que se refere cada uma delas? Minha vida se desenvolve em vários meios: família, trabalho, estudo, diversão, etc. Em qual delas sinto que atuo com mais sinceridade? Por quê?
- 2) Quais são as bases sobre as quais tenho construído minha vida? Qual delas é mais sólida?
- 3) Existem algumas que é como areia? Que farei?

Autor: Padre Fidel Oñoro, CJM